

**Revista de Literatura,
História e Memória**

Literatura e Cultura
na América Latina

ISSN 1809-5313

VOL. 5 - Nº 5 - 2009

UNIOESTE / CASCAVEL

P. 179-191

A MEMÓRIA E A MODERNIDADE EM VELHOS TEMPOS, DE DARCY AZAMBUJA

Santos, Luciana Crestana dos (UCS)

RESUMO: Escritor regionalista, Azambuja desenvolve em sua obra *No galpão* (1925) uma coletânea de contos em que encontramos “uma verdadeira exposição das lendas, dos ‘casos’ transmitidos pela oralidade, da tradição campeira enfim” (CHAVES, 2006, p. 91), além de relevantes traços da literatura regionalista. No conto “Velhos tempos”, expressa de modo muito bem delineado esta atmosfera da tradição gaúcha e suas respectivas mudanças com a chegada da modernidade, sintetizando o passado na personagem Severo. Através desta personagem, mostra tanto o passado como o presente, a tradição que se mantém e a tradição que teve que se adaptar aos avanços da modernidade. Dessa forma, os velhos tempos recordados por Severo adquirem sentido em suas recordações e em seus aspectos contrastantes com a modernidade, até mesmo a guerra não possui um sentido saudosista, mas sim se consolida como algo atemporal, que permanece em qualquer tempo, em qualquer época. Além disso, a questão da memória é de grande relevância em relação à representação que o conto adquire, já que Severo é o detentor da memória dos velhos tempos, sua memória adquire característica coletiva. Ao relembrar o tempo passado, Severo relembra a memória coletiva do Rio Grande do Sul, a memória do tempo das guerras, das revoluções, das estâncias – a memória dos seus velhos tempos.

PALAVRAS-CHAVE: Darcy Azambuja; regionalismo; saudade; memória; modernidade.

RESUMEN: Escritor regionalista, Azambuja desarrolla en su obra *No galpão* (1925) una coetánea de cuentos en los cuales encontramos “una verdadera exposición de las leyendas, de los ‘casos’ transmitidos por la oralidad, de la tradición campera por fin” (CHAVES, 2006, p. 91), además de relevantes trazos de la literatura regionalista. En el cuento “Velhos tempos”, expresa de manera muy bien delineada esta atmósfera de la tradición gaucha y sus respectivos cambios con la llegada de la modernidad, condensando el pasado en el personaje Severo. A través de este personaje, muestra tanto el pasado cuanto el presente, la tradición que se mantiene y la tradición que ha tenido que adaptarse con los avances de la modernidad. Así, los viejos tiempos recordados por Severo adquieren sentido en sus recordaciones y en sus aspectos contrastivos con la modernidad, incluso la guerra no tiene sentido saudosista, sino se consolida como algo atemporal, que permanece en cualquier tiempo, en cualquier época. Además de eso, la cuestión de la memoria es de gran relevancia respecto a la representación que el cuento adquire, ya que Severo es el guardián de la memoria de los viejos tiempos, su memoria adquire característica colectiva. Al recordarse

el tiempo pasado, Severo recuerda la memoria colectiva del Rio Grande do Sul, la memoria del tiempo de las guerras, de las revoluciones, de las estancias – la memoria de sus viejos tiempos. PALABRAS CLAVE: Darcy Azambuja; regionalismo; añoranza; memoria; modernidad.

O REGIONALISMO E DARCY AZAMBUJA

O regionalismo na prosa brasileira teve suas primeiras manifestações oriundas no período romântico. Além disso, tais manifestações “coincidem com o início do romance brasileiro e relacionam-se ao projeto nativista, que orientou aquela escola literária entre nós” (ZILBERMAN, 1992, p. 43). No caso do regionalismo no Rio Grande do Sul, suas primeiras manifestações de cunho literário datam à época da Revolução Farroupilha, e como fundadores desta literatura destacou-se os participantes da Sociedade Partenon Literário.

Quando se fala em regionalismo gaúcho, o primeiro escritor que surge na grande maioria das mentes é Simões Lopes Neto, justamente por ser ele o seu grande expoente. Porém, o regionalismo gaúcho não possui apenas Simões Lopes Neto como único escritor que merece respaldo, outros autores também merecem destaque, como Alcides Maya e Darcy Azambuja.

Para Moreira (1982, p. 28), “o regionalismo valorizou a cor local, revelou o Brasil, procedeu a um levantamento das peculiaridades regionais, [...] o regionalismo inseriu-se no grande projeto de formação de uma literatura brasileira autônoma”. Entretanto, com o surgimento do modernismo que possuía como principal tendência a renovação do campo das artes, pensou-se que o regionalismo fosse extinguir-se do contexto literário. Contudo, “os ideais modernistas reivindicaram, como no Romantismo, uma temática e uma linguagem brasileira [...], volta-va o projeto de busca da nacionalidade, de levantamento da realidade nacional e de constituição de uma linguagem genuinamente brasileira” (MOREIRA, 1982, p. 29). Assim, no Rio Grande do Sul, entre os autores que retomaram o regionalismo com tal proposta encontra-se Darcy Azambuja.

Como afirma Chaves (2006, p. 94), “a literatura não percorre sempre o cume da cordilheira, [...] também se desenvolve na planície”, na qual podemos situar escritores como Darcy Azambuja. Escritor regionalista ausente em grande parte dos estudos críticos sobre contistas gaúchos, Azambuja desenvolve em sua obra *No galpão* (1925) uma coletânea de contos em que encontramos aspectos oriundos da literatura regionalista desenvolvida no Rio Grande do Sul.

O regionalismo é uma literatura de assunto rural, ainda assim alcança a modernidade. Tais características encontram-se no conto “Velhos tempos” da obra *No galpão* de Darcy Azambuja, onde o rural defronta-se com o moderno, onde o passado é exposto pelo tema da saudade na qual Severo recorda os velhos tempos, tempos de guerras e glória nos quais “se fizera tradição da raça” (AZAMBUJA, 1955, p. 91). Como discorre Leite (1978, p. 34), o próprio título da obra de Azambuja, *No galpão*, remota um lugar “simbolicamente mais geral – a Campanha – símbolo do Rio Grande do Sul histórico e tradicional”, o que também corrobora com vários aspectos significativos que o conto adquire.

Além disso, como expõe Moreira (1982, p. 83), “a região assume, num texto regionalista, relevante importância, [...] é dessa região, espaço geográfico privilegiado, que o ficcionista vai retirar sua substância, acrescentando, ainda, que clima, fauna, flora, topografia, além das condições sociais peculiares”. Em relação ao texto de Azambuja, a região retratada é a gaúcha, mais especificamente a Campanha. Espaço de grande parte dos textos regionalistas, “a campanha, terra-mãe do herói da ficção, assume aos seus olhos uma proporção de grandeza, [...] o homem torna-se pequeno perante ela e a reconhece efetivamente pela denominação de pago ou meio” (MOREIRA, 1982, p. 87).

O texto de Azambuja é regional por apresentar assuntos regionais, a guerra e os costumes em geral; por caracterizar o tipo humano do gaúcho peão; por apresentar as ações de pelear e guerrear; além de outras características por retratar a identidade gaúcha.

De acordo com Beltram (1981, p. 161), Azambuja mantém em sua prosa regionalista “o equilíbrio entre o estilo artístico de sua linguagem – revelando excepcional domínio dos recursos expressivos – e a fala típica de seus personagens [...], inserida no contexto regional”. O autor entremeia o discurso narrativo com o discurso do gaúcho, usando como artifício a roda de chimarrão, na qual o narrador dá voz a personagem para que ela relate suas lembranças, seus ‘casos’.

Em relação à modernidade, é necessário destacar que uma de suas principais características é o resgate do passado, a busca pela origem, a construção de uma identidade a partir do lugar de que viemos. O que ocorre no conto de Azambuja pode ser nitidamente ligado a tais fatores, já que a personagem Severo ao buscar a sua identidade, depara-se com um mundo totalmente diverso do qual procedeu, mundo no qual nunca encontrará a sua identidade, ao qual ele não pertence. Numa mescla de saudade e retorno ao passado através da memória e da guerra do presente, Azambuja expõe em “Velhos tempos” aspectos significativos da literatura regionalista gaúcha.

A MORTE PELA VIDA QUE VOLTAVA

Na personagem Severo, Darcy Azambuja, personifica o vulto do típico peão-guerreiro, acostumado a viver em guerras e em meio à lida campeira. Habitado a pelear tanto em guerras como no trabalho na estância, Severo vê o ambiente ao qual ele pertencia totalmente modificado pela chegada da modernidade: “e ele, que nascera ali, e vivera e envelhecera entre aquelas dobras verdes da terra, já quase não conhecia mais o pago” (AZAMBUJA, 1955, p. 81). A chegada da modernidade modifica não só a paisagem na qual a personagem está inserida, mas as pessoas e as suas respectivas relações, deixando a personagem totalmente perdida num mundo que antes fora tão seu.

Tais contrastes também contribuem para a caracterização do texto como regionalista, já que grande parte deles foca justamente:

(...) o gaúcho em suas atividades básicas: pastoreio ou guerra, a paisagem e os animais da região que o cerca, a Campanha, em oposição ao homem, à paisagem e aos costumes da cidade que lhe são estranhos, estabelecendo-se a oposição passado/presente, reflexo de outra: o tempo bom e o tempo mau. (MOREIRA, 1982, p. 103).

Uma vez que o tempo presente é caracterizado no texto de Azambuja como mau, como desprovido de todas as características consideradas positivas pela personagem, as quais se encontram apenas no tempo passado: as guerras, a liberdade, as grandes lidas campeiras. Tais características deste mundo presente modificado pela modernidade são postas em contraste com as do mundo passado vividas pela personagem.

De acordo com Leite (1978, p. 37), no regionalismo a oposição cidade-campo “marca não só uma oposição espacial, mas sobretudo temporal [...]; encerra outra vez que é ‘passado-presente’, um tempo heróico, do homem livre e primitivo, o tempo do Centauro; e um tempo degradante, do gaúcho civilizado, amolecido, num Rio Grande transformado”. Tais considerações contribuem para entendermos o porquê da personagem do conto não reconhecer, não se identificar com as “gentes” da Granja Nova. Esses novos moradores são pessoas vindas da cidade, que andam de carro pela Granja e que possuem outros costumes e hábitos. Esses novos moradores e patrões, mesmo inseridos no rural, são representantes do mundo urbano em contraposição ao mundo rural da personagem.

Severo não consegue adequar-se às mudanças ocorridas em seu ambiente, as transformações ocorridas tanto em relação à paisagem, como no trabalho,

como em relação às pessoas. Ele não encontra mais nada que relembre os seus velhos tempos, os tempos aos quais ele ainda pertence, ele não se modifica como o ambiente, já que representa a manutenção da tradição. Apesar das mudanças ocorridas, Severo continua o mesmo peão de estância acostumado a guerrear e a lidar com os trabalhos campeiros, o mesmo gaúcho detentor da tradição. Como corrobora Beltram (1981, p. 64), a personagem “representa o velho gaúcho, desagregado do tempo presente e da nova estrutura sócio-econômica da Campanha”, o gaúcho livre que não consegue adaptar-se as modificações oriundas da modernidade.

O mundo ao qual ele se encontra não lembra em nada o seu mundo, dessa forma, Severo encontra-se deslocado: “tudo assim tinha mudado, homens e coisas. Só ele ficara o mesmo, sofrendo golpe a golpe a morte dos seus pagos. Ficara o mesmo e, por isso, estranho a tudo que o cercava” (AZAMBUJA, 1955, p. 84). O único ânimo que Severo possuía era relembrar os seus velhos tempos (referência ao título do conto), no galpão (referência ao título da obra), a sua memória era a certeza de que o tempo a que ele pertencia ainda estava vivo, mesmo que fosse apenas nas suas recordações; a lembrança é a sobrevivência do passado.

Contudo cabe lembrar que “na grande maioria das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado” (BOSI, 2001, p. 55). Assim, as recordações do passado não adquirem no texto um significado saudosista, em que a personagem quer de todas as formas revivê-las, mas sim um aspecto ligado à saudade, a recordação de um tempo que foi altamente relevante para a personagem e que contrasta com o atual.

É preciso recordar também que uma das principais características da literatura de cunho regional desenvolvida no Rio Grande do Sul foi a abordagem da oposição de dois tempos: passado e presente, privilegiando em grande parte das vezes o primeiro. O presente é constantemente posto em comparação com o passado, o qual sempre é tido como melhor. Moreira (1982, p. 113) expõe que o tempo passado “é o tempo das lutas; é o tempo da liberdade”, já o presente em oposição é a “presença da paz; tempo de restrição”, afirmação que vai diretamente ao encontro do que é relatado no texto de Azambuja.

Dessa forma, “a seqüência nuclear da intriga se reduz às funções *carência – supressão da carência*, correspondendo semanticamente a uma inadaptação às transformações ocorridas na Campanha [...], o reencontro com este tempo equivale ao estado de plenitude” (BELTRAM, 1981, p. 65). O estado de carência exposto por Beltram (1981) refere-se aos aspectos do tempo passado que Severo já não encontra mais no presente, uma vez que a supressão desta carência ocorrerá com a volta da guerra, principal elemento de identificação do tempo passado. A falta dos aspectos

relevantes do tempo passado produz na personagem um estado de carência, pois contribuem para o seu isolamento e distanciamento do tempo presente, Severo somente irá reencontrar-se novamente com a chegada da guerra.

Para Severo o tempo passado é o tempo heróico, o tempo em que o gaúcho era livre, assim, os 'casos' que ele conta aos outros peões no galpão, na roda de chimarrão, tornam-se um modo de presentificar o passado; o contar permite reviver as lembranças que ele considera positivas em contraponto as modificações do presente, tidas por ele como algo negativo. Também cabe enaltecer que o recurso na contação de 'casos' é também muito utilizado na literatura regionalista.

A memória também adquire relevância em relação à representação que o conto adquire. Severo é personificado como o detentor da memória dos velhos tempos, por conseqüência sua memória é a representação de uma memória coletiva. Ao relembrar o tempo passado, relembra a memória coletiva do Rio Grande do Sul. Como discorre Bosi (2001, p. 55), Halbwachs (um dos maiores teóricos que discutem a questão da memória), "amarra a memória da pessoa à memória do grupo; e esta última à esfera maior da tradição, que é a memória coletiva de cada sociedade". Bosi (2001) ainda chama atenção para o fato de que uma memória coletiva se desenvolve através dos laços de convivência existente entre seus membros, sendo assim, a memória de Severo adquire sentido coletivo por apresentar e representar aspectos relacionados à vivência do povo gaúcho, antes da chegada da modernidade. A memória da personagem possui características coletivas porque relembra aspectos exclusivos da vida campeira dos gaúchos, dos quais a personagem participou diretamente e indiretamente, os quais tornam-se ainda mais relevantes por não fazerem parte da vida presente.

Para Fentress e Wickham (1992, p. 29), "a memória não só se apresenta como um mero mecanismo que copia informação e a armazena na nossa cabeça, mas também como a experiência de recuperar essa informação e de a combinar de maneira a formar pensamentos novos". Talvez tais considerações estejam ligadas ao fato de que Severo não relembra apenas informações, dados de experiências do passado, mas sim os relembra em contraponto com o presente, no qual eles adquirem outras significações já que não existem mais, já que foram substituídos por outros.

Como afirma Barros (1989, p. 30), "no ato de lembrar nos servimos de campos de significados – os quadros sociais – que nos servem de pontos de referência". Dessa forma, ao relembrar o seu passado, Severo relembra não apenas eventos do seu passado pessoal, mas quadros sociais significativos do passado gaúcho que adquirem pontos de referência para a sua compreensão cultural. Justa-

mente porque “cada memória individual é um ponto de vista da memória coletiva” (BARROS, 1989, p. 31), como Severo pertence a um grupo, ao lembrar fatos do passado, conseqüentemente lembra fatos do passado deste grupo, fatos da vida campeira do Rio Grande do Sul.

Pollak (1992) destaca como primeiro elemento constitutivo da memória individual ou coletiva os acontecimentos vividos pessoalmente. No conto de Azambuja tais acontecimentos seriam todas as guerras as quais Severo participou e todos os trabalhos que ele realizou ao longo de sua vida na estância. Como segundo elemento, Pollak (1992, p. 202) destaca:

acontecimentos dos quais a pessoa nem sempre participou mas que, no imaginário, tomaram tamanho relevo que, no fim das contas, é quase impossível que ela consiga saber se participou ou não. Se formos mais longe, a esses acontecimentos vividos por tabela vêm se juntar todos os eventos que não se situam dentro do espaço-tempo de uma pessoa ou de um grupo. É perfeitamente possível que, por meio da socialização política, ou da socialização histórica, ocorra um fenômeno de projeção ou de identificação com determinado passado, tão forte que podemos falar numa memória quase que herdada.

Dessa forma, Severo além de participar de guerras e trabalhos campeiros, traz na sua memória acontecimentos do Rio Grande do Sul de ordem coletiva que ele não terá necessariamente vivido, mas que ele ouviu através do relato de outras pessoas. Assim, ao rememorar seu passado, rememora o passado gaúcho, que ele considera glorioso e altamente positivo. Além disso, o principal elemento lembrado pela personagem é a guerra, que não é posta no conto por simples escolha de Azambuja. As guerras que ocorreram no Rio Grande do Sul talvez sejam o fato histórico mais marcante que represente o passado gaúcho. Pois, tal fato atingiu a toda a população, entendida aqui como as crianças, as mulheres, os peões, os donos de estâncias, etc. O que contribui ainda mais para a sua representação do passado, já que tal elemento não atingiu apenas uma parcela da população, mas sim praticamente todas as pessoas que viviam no Rio Grande do Sul.

As suas recordações do passado sustentam a sua vida presente, pois com os avanços da modernidade, a vida de Severo parece que já não possui sentido: “passados, porém, esses momentos de expansão, recaía no isolamento, cada vez mais sombrio. Até que por fim, fugindo à vida nova e vivendo no passado, tornou-se odiosa a agitação circunstante” (AZAMBUJA, 1955, p. 85). Severo vive no passado e recusasse a aceitar as modificações do presente, apenas se reencontra quando um dos aspectos mais marcantes do seu passado retorna ao presente, a guerra. Na

opinião de Fentress e Wickham (1992, p. 39), muitas vezes experimentamos o presente em relação com o passado, assim, “a nossa experiência do presente fica, portanto inscrita na experiência passada. A memória representa o passado e o presente ligados entre si e coerentes, neste sentido, um com o outro”. Severo apenas pode comparar o passado com o presente porque alguns fatos marcantes ficaram gravados em sua memória, fatos que contrastam com a atualidade. Se as guerras e os demais trabalhos na estância não tivessem sido relevantes para a personagem e, assim, gravados em sua memória, mesmo com as modificações do presente, eles não seriam lembrados, nem comparados com a atualidade.

Como afirma Pollak (1992, p. 205), “a memória é um fenômeno construído social e individualmente, quando se trata da memória herdada, podemos também dizer que há uma ligação fenomenológica muito estreita entre a memória e o sentimento de identidade”. Ao recordar o seu passado e o com ele o passado gaúcho, Severo como que o distingue do passado de outras pessoas, de outros estados, ela recai em algo que é exclusivamente gaúcho, na sua identidade. Uma vez que não são quaisquer aspectos e fatos que Severo lembra, mas sim alguns específicos da campanha, o que acabam por constituir a identidade desta região retratada. Tais considerações podem ser corroboradas pelas idéias de Halbwachs (2006, p. 29), que afirma que:

no primeiro plano da memória de um grupo se destacam as lembranças dos eventos e das experiências que dizem respeito à maioria dos seus membros e que resultam da sua própria vida ou de suas relações com os grupos mais próximos, os que tiveram mais frequentemente em contato com ele. As relacionadas a um número muito pequeno e às vezes a um único de seus membros, embora estejam compreendidas em sua memória [...] passam para o segundo plano.

Por isso, Azambuja opta pela guerra e pela lida campeira como aspectos de contraste entre o passado e o presente. Por serem tais fatores experiências vividas por grande parte dos gaúchos, não pela sua minoria.

Ainda em relação à memória é preciso lembrar as considerações de Bosi (2001, p. 46-47):

a memória permite a relação do corpo presente com o passado e, ao mesmo tempo, interfere no processo “atual” das representações. Pela memória, passado não só vem à tona das águas presentes, misturando-se com as percepções imediatas, como também empurra, “desloca” estas últimas, ocupando o espaço todo da consciência. A memória aparece como força subjetiva ao mesmo tempo profunda e ativa, latente, oculta e invasora.

É justamente o que ocorre no conto de Azambuja, pois é através da memória da personagem que os principais aspectos que diferenciam o passado do presente são postos em evidência. Além disso, a memória de Severo interfere no processo de significação das mudanças relativas à chegada da modernidade, são as recordações do passado que o fazem rejeitar as modificações do presente, uma vez que o passado interfere diretamente nas relações estabelecidas com o presente.

A identidade é diretamente ligada à diferença, é na diferença que encontramos a identidade, dessa forma, através da rememoração do passado de Severo, sua memória individual e coletiva, podemos chegar à identidade gaúcha. Uma vez que, a lida nas estâncias e demais trabalhos, juntamente com as guerras e demais conquistas configuram traços da identidade do Rio Grande do Sul. A memória é assim “*um elemento constituinte do sentimento de identidade*, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si” (POLLAK, 1992, p. 205).

O conto “Velhos tempos” apresenta a constituição de uma cultura moderna que se caracteriza pela volta ao passado, pela busca das origens. Justamente por isso é que Severo apenas encontra-se de fato em seu passado, tanto o da sua memória como o da guerra presente. A modernidade envolve justamente esta a busca ao passado, ela se apropria da tradição e a remodela.

A paisagem é aqui equivalente à memória, ela adquire sentido porque Severo não a reconhece mais, a paisagem do seu tempo foi modificada pelas máquinas, pela Granja Nova, pelas telhas francesas. O que envolve a personagem é um sentimento de perda, mais que isso, é um sentimento de saudade que apenas pode ser apaziguado pela recordação do tempo que Severo guarda em sua memória: “só ele guardava sempre o presente no afetivo milagre da sua memória setuagenária” (AZAMBUJA, 1955, p. 85).

A paisagem, embora com traços modernos, é descrita por Severo de forma melancólica, justamente porque reflete o seu estado de espírito: “mas não se lavrava mais com os arados a boi. Trepidantes tratores arrastavam baterias de arados, coxilha acima, coxilha abaixo, como monstros possantes e submissos ao homem curvado sobre eles” (AZAMBUJA, 1955, p. 83). A melancolia é também outra característica da literatura regionalista, e encontra-se diretamente ligada à recordação quase sempre de um tempo glorioso que contrasta com o atual.

Até os padrões haviam mudado, os gaúchos de lei tinham dado lugar a pessoas e costumes aos quais ele não se habituava. Sem família e sem nenhum outro laço que o prendia, Severo decide partir deste mundo que não é mais o seu,

mas leva consigo os seus pagos, os quais eram para ele toda a sua vida. Ele vai embora porque é única saída que possuía, já que a “vida nova repelia-o” (AZAMBUJA, 1955, p. 87), sente-se como expurgado do seu próprio mundo que agora parece nem mais reconhecer. Mas a sua ida adquire um caráter simbólico, uma vez que mesmo longe de seus pagos, ele os leva consigo, ele mantém a tradição enraizada em sua memória.

Além da saudade, a tristeza, outro tema regionalista, é tratada por Azambuja, pois Severo recebe cada descoberta de mudança como um golpe: “Fora mais um golpe rude. O velho casarão da estância, berço de gerações, que ele amava como um pedaço de si mesmo, tinha sido demolido e sobre seus alicerces erguera-se a Granja Nova” (AZAMBUJA, 1955, p. 83). Ao mesmo tempo em que suas recordações o animam, o fazem como que reviver, a volta ao passado adquire sentido como tema da saudade vivida pela personagem, não como ressurreição do tempo que passou. Se a intenção de Azambuja fosse abordar a questão da ressurreição do tempo, a personagem não adquiriria tal perfil, pelo contrário, Severo teria que agir semelhante a Dom Quixote, tentaria ressurgir aspectos e motivações de um tempo que já não existe.

O casarão da estância é um outro elemento de relevância para Severo, pois é algo importante em sua memória, algo que relembra a convivência na estância. Como discorre Pollak (1992, p. 202-203) “existem lugares da memória, lugares particularmente ligados a uma lembrança, que pode ser uma lembrança pessoal, mas também pode não ter apoio no tempo cronológico”. A retirada do casarão e a construção da Granja Nova é mais do que a substituição de um bem material por outro, é a substituição de um tempo por outro, é a tentativa de apagar traços do tempo que Severo traz guardado em sua memória.

Com a revolução de 1923, Severo e seu mundo como que se reconstituem novamente, ele se vê cercado pela atmosfera dos seus velhos tempos, pela guerra. Para Severo esta guerra “chega como uma verdadeira benção, porque restabelece aquilo que o presente já não pode proporcionar” (CHAVES, 2006, p. 93). Com a guerra ele se vê cercado pelos costumes e trabalhos que havia vivido durante anos, nesta atmosfera ele possui funções que não podem ser supridas pela modernidade.

A guerra também sintetiza o entrelaçamento da história com a ficção, é um fato histórico do Rio Grande do Sul, mas no conto é mais que isso: é o resgate de um tempo, a consolidação das lembranças de Severo. Tal aspecto liga-se diretamente à afirmação de Pollak (1989, p.05): “o trabalho de enquadramento da memória se alimenta do material fornecido pela história”.

Assim, Azambuja insere em seu texto um aspecto histórico do Rio Grande do Sul, a revolução de 1923. Fato histórico, a revolução de 1923 foi ocasionada por uma crise que abalou as estruturas políticas administrativas do Rio Grande do Sul no período dos anos vinte, estendendo-se até a data do ano de 23. Dessa forma, como discorre Pesavento (1985, p. 85) “a parcela oposicionista da classe dominante arregimentou-se sob a liderança de Assis Brasil, e foi às armas na Revolução de 1923”.

Em meio a guerra, Severo retorna aos tempos de glória que antes apenas podia recordar através da memória. É como se voltasse à vida, remoqueasse, pois:

a memória realiza-se, dando-lhe a suprema alegria de reviver o passado, as suas velhas saudades, as visões que lhe povoam a lembrança, os seus hábitos e os seus ódios antigos, todo o outro tempo, os “velhos tempos”, que tanto viveram dentro dela, e eram agora reais; e os ses setenta anos remoqueavam nas lutas recomeçadas (AZAMBUJA, 1955, p. 93-94).

A morte de Severo no final do texto adquire um caráter épico, já que morre por uma causa que é para ele a mais nobre de todas, “morrer pela vida que voltava” (AZAMBUJA, 1955, p. 94). Para ele a guerra que sempre causa tantas mortes, era o retorno da vida, tanto da sua, como do tempo em que ele vivera no passado. Este retorno é tão significante para a personagem, que a sua morte adquire um caráter heróico, como se ele se sacrificasse, de bom grado, pela restituição do velho tempo.

A RELEVÂNCIA DE DARCY AZAMBUJA E DE SEU CONTO *VELHOS TEMPOS*

Meyer (1997, p. 306) ao discorrer sobre a obra de Darcy Azambuja afirma: “limpeza de estilo, veracidade e fluência narrativa, uma discreta poesia, sempre contida e equilibrada, de vez em quando um pouco de paisagem, mas só o essencial, e principalmente o gosto de contar sem razão de explicar [...] justificam e consolidam a popularidade” de sua obra. Tais características são facilmente encontradas no conto “Velhos tempos”, como ficou exposto no presente artigo.

Azambuja expressa em seu texto aspectos muito significativos do regionalismo gaúcho, ele mescla o tema da saudade, com aspectos da modernidade e da tradição gaúcha. Como discorre Beltram (1981, p. 211), “situando-se no regionalismo modernista, os contos gauchescos de Darcy Azambuja revelam um regionalis-

mo renovado, embora bastante apoiado na linha do regionalismo pré-modernista à Simões Lopes Neto”.

Embora o conto apresente a guerra como elemento do passado que retorna ao presente, seu tom não é saudosista. Como discorre Chaves (2006, p. 93), a remoção expressa no conto “Velhos tempos” “funciona como a arqueologia histórica dada região e o tempo translato só se resgata como um tema da literatura – o tema da saudade”. Os velhos tempos da personagem alcançam sentido através das recordações de sua memória porque contrastam com o presente, ou seja, com a modernidade.

REFERÊNCIAS:

- AZAMBUJA, Darcy. *No galpão: contos gauchescos*. 8. ed. Rio de Janeiro: Globo, 1955.
- BARROS, Myriam Moraes Lins de. Memória e família. In: *Estudos históricos*, Rio de Janeiro, vol.2, nº3, 1989.
- BELTRAM, Maria Ana Possoli; SCHÜLER, Donald. *A arte de contar em Darcy Azambuja: análise das seqüências narrativas em No galpão, Coxilhas e A prodigiosa aventura*. Porto Alegre, 1981. 235f. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- BERMAN, Marshall. *Tudo o que é sólido desmancha no ar*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.
- BOSI, Ecléa. *Lembranças de velhos*. 9. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- CHAVES, Flávio Loureiro. *Ponta de estoque*. Caxias do Sul, RS: Educus, 2006.
- FENTRESS, James; WICKHAM, Chris. *Memória social*. Trad. Telma Costa. Lisboa: Teorema, 1992.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Trad. Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.
- LEITE, Lígia C. Moraes. *Regionalismo e modernismo*. São Paulo: Ática, 1978.
- MENESES, Adélia Bezerra de. Memória e ficção. In: *Resgate: revista de cultura*, Unicamp, Papirus, v.I, n.2, 1991.
- MEYER, Augusto. O ciclo gaúcho. In: COUTINHO, Afrânio. *A literatura no Brasil (Era realista era de transição)*. 4. ed. vol. 4. São Paulo: Global Editora, 1997.
- MOREIRA, Maria Eunice. *Regionalismo e literatura no Rio Grande do Sul*. Porto alegre: EST, 1982.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História do Rio Grande do Sul*. 4. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento e silêncio. In: *Estudos históricos*, Rio de Janeiro, vol.2, n°3, 1989.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.

SMOLKA, Ana Luiza Bustamante. A memória em questão: uma perspectiva histórico-cultural. In: *Educação & Sociedade*, ano XXI, n° 71, Julho, 2000, p. 166-193.

ZILBERMAN, Regina. *A literatura no Rio Grande do sul*. 3. ed. Porto Alegre: Mercado aberto, 1992.